

“Não seria o destino do *foot-ball*?”: história, memória e sentido em *O negro no foot-ball brasileiro*, de Mário Filho

“Wouldn't that Be the Fate of the Football?”: History, Memory and Sense in *O negro no foot-ball brasileiro*, by Mário Filho

Vinicius Garzon Tonet

Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte/MG, Brasil
Doutorando em História e Culturas Políticas, UFMG
vgtonet@gmail.com

RESUMO: Este artigo discute o livro *O negro no foot-ball brasileiro* (1947), de Mário Filho, colocando em evidência, em um primeiro momento, a crítica que o autor faz aos “saudosistas”. Esses seriam os detentores da memória oficial sobre o futebol e responsáveis por escamotear a contribuição dos negros na consolidação do esporte no Brasil. A partir dessa investigação e amparado pelas reflexões de Fernando Catroga sobre memória, historiografia e poder, o artigo propõe que Mário Filho elabora o seu livro como um contraponto à memória dos saudosistas, até então hegemônica, na disputa pelas visões sobre o passado. Um segundo movimento analítico explora as estratégias narrativas de Mário Filho na construção de seus argumentos. Para isso, utiliza considerações de Benedict Anderson sobre o processo de constituição imaginária das nações a fim de estudar como a história do futebol recebe, em *O negro no foot-ball brasileiro*, um sentido histórico unívoco a partir de um processo de “tradução cultural” de um esporte originalmente inglês em direção ao seu “abrasileiramento”. Por fim, o conceito proposto por Henrique Estrada Rodrigues de “ensaio de formação” é mobilizado para compreender a obra como partícipe de uma tradição intelectual que remonta às produções ensaísticas dos anos 1920 e 1930 e, por isso, comparações com pensadores como Gilberto Freyre e Sérgio Buarque de Holanda são feitas com o intuito de analisar como a carga positiva da miscibilidade, a aversão à forma fixa, a espontaneidade e a capacidade de improviso foram concebidas por Mário Filho como um caminho a ser seguido pelo Brasil para além dos muros dos estádios.

PALAVRAS-CHAVE: Mário Filho; Futebol; História; Memória; Historiografia

ABSTRACT: This article discusses the book *O negro no foot-ball brasileiro* (1947), by Mário Filho, emphasizing, in a first moment, the author's criticism against the “saudosistas” (a Portuguese term with the approximate meaning of “nostalgics”). These would be the holders of the official memory of Brazilian football and responsible for ignoring the contribution of black people in the consolidation of the sport in Brazil. Based on this investigation and supported by F. Catroga's reflections on memory, historiography and power, the article proposes that Mário Filho writes his book as a counterpoint to the memory of the “saudosistas”, hitherto hegemonic, in the dispute over visions of the past. A second analytical movement explores Mário Filho's narrative strategies in the construction of his arguments. To do so, it uses considerations of Benedict Anderson on the process of imaginary constitution of nations in order to study how the history of football receives, in *O negro no foot-ball brasileiro*, a univocal historical meaning from a process of “cultural translation” of an originally English sport towards its “Abrasileiramento” (*Brazilianizing*). Finally, the concept proposed by H. Estrada Rodrigues of “formation essay” is mobilized to understand the work as part of an intellectual tradition that goes back to the essayistic productions of the 1920s and 1930s and, therefore, comparisons with thinkers such as Gilberto Freyre and Sérgio Buarque de Holanda are made in order to contribute to the analysis of themes such as the positive side of racial intermixing, aversion to fixed form, spontaneity and the capacity for improvisation, which were conceived by Mário Filho as a path to be followed by Brazil beyond the football pitch.

KEYWORDS: Mário Filho; Football; History; Memory; Historiography.

INTRODUÇÃO

No ano de 1946, Mário Filho deu início no jornal *O Globo*, em sua coluna diária “Da primeira fila”, em um formato similar aos dos tradicionais folhetins, o que viria ser, no ano seguinte, o livro *O negro no foot-ball brasileiro*. A compilação dos textos da coluna, com alterações mínimas, foi publicada, em 1947, pela Irmãos Pongetti Editores com prefácio de Gilberto Freyre e “Nota ao leitor” escrita por Mário Filho.

São quatro os capítulos que organizam a obra: “Raízes do Saudosismo”, “O campo e a pelada”, “A revolta do preto” e “A ascensão social do negro”. Atualmente, estamos em sua 5ª edição¹ e é sempre bom lembrar que quando da sua segunda publicação, lançada pela editora Civilização Brasileira, em 1964, o “*foot-ball*” do título tornou-se “futebol”, assim como outras palavras foram aportuguesadas. Além disso, algumas alterações no texto foram feitas e dois novos capítulos – “A provação do preto” e “A vez do preto” – foram adicionados como os 5º e 6º nesta que se converteu na versão consolidada.

Apresentado ao público como um ensaio (“seu ensaio”,² “meu ensaio”³) de cariz histórico-sociológico (“contribuição valiosa para a história da sociedade e da cultura”;⁴ “sob critério sociológico ou para-sociológico”),⁵ *O negro no foot-ball brasileiro* pretende contar a história da gênese e do desenvolvimento do futebol brasileiro desde sua origem, em fins do XIX, até meados da década de 1940. O que caracteriza esse processo é a evolução de um jogo que surge como um hábito social restrito às elites sociais brancas e anglófilas para o esporte democrático, miscigenado e nacional. Mário Filho faz isso destacando como a história do futebol brasileiro pode ser contada sob a ótica da exclusão sistemática dos negros pelos clubes e pelas ligas oficiais e sua posterior ascensão. Tendo como recorte espacial o Rio de Janeiro, faz a ressalva de que a história do “*foot-ball* carioca [...] não há de diferir, em essência, de nenhuma outra a grandes centros esportivos do Brasil”,⁶ conferindo ao seu escrito ambição nacional.

¹ RODRIGUES FILHO. *O negro no futebol brasileiro*.

² FREYRE. *O negro no foot-ball do Brasil* (Prefácio), p. VI.

³ RODRIGUES FILHO. *O negro no foot-ball brasileiro*, p. 6.

⁴ FREYRE. *O negro no foot-ball do Brasil* (Prefácio), p. III.

⁵ FREYRE. *O negro no foot-ball do Brasil* (Prefácio), p. IV.

⁶ RODRIGUES FILHO. *O negro no foot-ball brasileiro*, p. 6.

Como veremos, há uma narrativa de formação⁷ que compassa a obra: enquanto permaneceu branco e aristocrático, o futebol era inglês; quando se tornou popular e miscigenado, passou a ser brasileiro. À medida que essa trajetória vai se cumprindo, realiza-se o encontro entre os sujeitos da nação e o futebol, não mais como um simples esporte, mas qual “verdadeira instituição brasileira”,⁸ como assinalado por Gilberto Freyre.

Com a difusão do esporte, o controle aristocrático da prática esportiva, assim como de valores associados a ela, sofre um abalo. Na tentativa de soffrear a entrada dos novos personagens populares no futebol, há uma reação coordenada por parte dos clubes da alta-sociedade. Entretanto, as expectativas daqueles que desejavam manter o futebol restrito à elite branca são frustradas ao perceberem que não conseguiriam deter o avanço arrebatador da democratização da prática com os negros sendo os principais responsáveis pelo bom rendimento das equipes.

Em nosso artigo, iremos nos debruçar sobre alguns pontos específicos de *O negro no foot-ball brasileiro*: a) como é engendrada uma nova memória do futebol brasileiro a partir da escrita da história; b) como se dá o processo de “abrasileiramento” do esporte; e c) como o livro dialoga com temas recorrentes no pensamento social e político brasileiro.

CONTRA OS SAUDOSISTAS!

Acreditamos que para a compreensão do livro, um dos pontos fundamentais seja a análise do confronto entre memórias antagônicas sobre o passado do futebol mencionado pelo autor. Dessa forma, identificaremos os interlocutores negativos, os antagonistas, aqueles “contra quem” Mário Filho escreve seu texto. As palavras com as quais começa o primeiro capítulo de *O negro no foot-ball brasileiro* são as seguintes: “Há quem ache que o *foot-ball* do passado é que era bom. De quando em quando a gente esbarra com um saudosista. Todos brancos, nenhum preto. Foi coisa que me intrigou a princípio. Por que o saudosista era sempre branco? O saudosista sempre branco, nunca preto, dava pra desconfiar”.⁹

De saída, o escritor alerta o seu público que escreve contra uma determinada memória – o saudosismo do futebol do passado – e os seus respectivos sujeitos – os saudosistas dessa era. Fica evidente que o tempo que será revisitado em seu livro estará

⁷ Ver: RODRIGEUS. O conceito de formação na historiografia brasileira.

⁸ FREYRE. *O negro no foot-ball do Brasil* (Prefácio), p. V.

⁹ RODRIGUES FILHO. *O negro no foot-ball brasileiro*, p. 13.

em disputa. Portanto, em *O negro no foot-ball brasileiro*, o movimento de escrita da história é uma atividade de fissura no passado estabilizado na lembrança dos saudosistas e, conseqüentemente, um ataque aos “preconceitos de branquidade”,¹⁰ já que o saudosista era sempre branco. Por isso, percebendo-se como capaz de trazer à luz um passado silenciado, contra-hegemônico, o exercício historiográfico mostra-se recurso potente dentro da dinâmica social, porque capaz de confrontar uma verdade estabelecida que tentava controlar a visão sobre as transformações no esporte.

Vale lembrar a contribuição de Antônio Jorge Soares neste tópico quando escreve que, para Mário Filho: “o futebol dos “saudosistas” era um entretenimento exclusivamente de brancos. Em seu texto, ser branco se confunde com a ideia de elite. Tanto é assim que branco, quando não pertencente às elites, vem adjetivado de pobre”.¹¹

Mário Filho ao estabelecer uma relação entre um modo padrão de exercitar a memória (o saudosismo), a classe (elite) e a cor desses sujeitos da lembrança (branca), mostra como o fator sociorracial é um filtro importante para entender a forma com que alguém diz algo sobre o tempo passado e que essa reconstrução temporal jamais é desinteressada. O saudosista atribui valor superior a um tempo antigo em detrimento daquilo que é hoje. Mário Filho é instigado a perquirir esse saudosismo, ao perceber que a atribuição de valor positivo aos primórdios do futebol era sempre feita por sujeitos brancos – talvez partilhasse com o seu irmão Nelson Rodrigues o sentimento de que “toda unanimidade é burra”. Além disso, ao longo deste artigo, ficará demonstrado como o exercício de desestruturação de uma memória sobre o futebol terá relação com o modo de compreensão da nação brasileira pensado por Mário Filho.

Assim, o autor escreve:

E depois, a época de ouro, escolhida pelo saudosista, era uma época que se podia chamar de branca. Os jogadores claros, bem brancos, havia até louros nos *teams*, ia-se ver: inglês ou alemão. Poucos morenos. Os mulatos e os pretos, uma raridade, um aqui, outro ali, perdiam-se, nem chamavam a atenção. Sabia-se quem era o preto, quem era o branco, o branco e o preto não se confundiam.¹²

Portanto, os sujeitos de lembrança brancos estabeleciam o valor superior do passado em relação ao presente. Acontece que o passado alcançado pela memória dos saudosistas era

¹⁰ RODRIGUES FILHO. *O negro no foot-ball brasileiro*, p. 190.

¹¹ SOARES. Futebol, raça e nacionalidade no Brasil: releitura da história oficial, p. 24.

¹² RODRIGUES FILHO. *O negro no foot-ball brasileiro*, p. 13.

um lugar de segregação racial em que quase a totalidade dos sujeitos envolvidos no esporte era também branca. O saudosismo crava suas raízes, daí o título do capítulo inicial, “Raízes do Saudosismo”, em um tempo perdido e que não poderá voltar a ser: o da hegemonia branca no esporte.

Nesse tempo, na visão do saudosista, não havia confusão racial, a ordem calcada na segregação pela cor estava mantida e, por sua vez, o seu lugar social privilegiado dentro dessa formatação da comunidade brasileira estava garantido. A tentativa de valorização positiva desse passado por pessoas brancas que também foram personagens dessa história acaba revelando-se, afinal, como uma estratégia psicológica com implicações político-sociais, uma vez que coincidente com a matriz eugênica de visão da história brasileira.

Essa forma de associação baseada na cor era tão forte que Mário Filho dá um exemplo, mais à frente, de que nem mesmo rivalidades nacionais foram capazes de desarticular a união dos brancos nesse primeiro momento: “não se falava em guerra, os ingleses se davam bem com os alemães, quando se juntavam não se sentiam tão estrangeiros”.¹³ Mesmo em 1914, com tensões entre Inglaterra e Alemanha elevadas, no Brasil, ingleses e alemães sentiam-se mais brancos que nacionais e, por isso, mais próximos do que separados.

Além de escrever contra essa memória hegemônica do futebol, o autor move a sua pena para evitar o esquecimento das personagens envolvidas nessa história, repetindo o gesto de Heródoto, em suas *Histórias*, que narra para “evitar que os vestígios das ações praticadas pelos homens se apagassem com o tempo e que as grandes e maravilhosas explorações dos Gregos, assim como as dos bárbaros, permanecessem ignoradas”. Mário Filho não constrói com a sua história um projeto memorialístico muito diferente. Em determinado momento ele escreve: “jogador de *foot-ball* só valia enquanto jogava, deixava de jogar, ninguém se lembrava mais dele”.¹⁴ Dessa forma, o exercício historiográfico de Mário Filho busca desconstituir a memória saudosista branca de elite como lugar hegemônico ao mesmo tempo que registra feitos de centenas de personagens que antes estavam esquecidos ou ignorados. Nesse sentido, o caso do jogador Fausto, “o preto, de roupa surrada, que mal sabia assinar o nome”,¹⁵ é emblemático. Após uma longa carreira no futebol, que o fez a “Maravilha Negra”

¹³ RODRIGUES FILHO. *O negro no foot-ball brasileiro*, p. 14.

¹⁴ RODRIGUES FILHO. *O negro no foot-ball brasileiro*, p. 212.

¹⁵ RODRIGUES FILHO. *O negro no foot-ball brasileiro*, p. 214.

do esporte, “morreu esquecido num sanatório em Palmira”.¹⁶ É contra esse apagamento, portanto, que Mário Filho mobiliza seus esforços.

Esse duplo exercício – desarticulação e edificação de memórias – feito por Mário Filho, longe de ser traço particular do nosso autor, é parte fundamental da constituição de um corpo político em suas bases simbólicas. Como nos ensina o historiador português Fernando Catroga, a memória possui íntimas relações com as estruturas do poder: “Ademais, se a memória é instância construtora e cimentadora de identidades, a sua expressão colectiva também actua como instrumento e objeto de poder(es) mediante a seleção do que se recorda e do que, consciente ou inconscientemente, se silencia”.¹⁷ Por isso, Mário Filho, ao escrever uma história social do futebol, enraíza a sua narrativa no mundo político que contempla os entraves de memórias. Parece inegável, também, que o autor obteve êxito em seu projeto e que se transformou em uma espécie de memória oficial do futebol brasileiro – não é raro ouvir em diversos ambientes de “falação esportiva”, como diria Umberto Eco, exemplos desgarrados de *O negro no foot-ball brasileiro* sem qualquer tipo de citação: Fluminense e o pó-de-arroz, Vasco e a precoce abertura aos negros, Bangu, time de fábrica, entre outros. Muito desse *status* da obra deve-se ao sucesso com que o autor opera aquilo que Benedict Anderson irá perceber como fundamento da urdidura de uma comunidade imaginada, o que será analisado no tópico a seguir: como se dá construção da percepção de um tempo que conduz a coletividade, significada como nacional, em marcha gloriosa para o futuro, com a concatenação de fragmentos significados como totalidade, transformando, assim, acaso em destino.¹⁸

HISTÓRIA, SENTIDO E TRADUÇÃO CULTURAL

Considerando *O negro no foot-ball brasileiro* como um ensaio de formação nacional o leitor pode visualizar uma trajetória cumprida pelo seu país. Das suas origens à sua realização, passando pelo desenlace dos seus conflitos. Segundo Henrique Estrada Rodrigues, o referencial teórico e estilístico está calcado no conceito de “formação”, em que há uma “preocupação central com os destinos da vida pública no Brasil, notadamente com as condições de um país de origem colonial e escravocrata, e com forte herança rural,

¹⁶ RODRIGUES FILHO. *O negro no foot-ball brasileiro*, p. 289.

¹⁷ CATROGA. *Memória, história e historiografia*, p. 74.

¹⁸ ANDERSON. *Comunidades imaginadas: reflexões sobre a origem e a difusão do nacionalismo*, p. 39.

ascender à vida moderna”.¹⁹ Além disso, assume como tarefa “interpretar a difícil reconciliação entre um país que sonhava em ser moderno e uma realidade circundante que, de origem ibérica e escravagista, parecia oferecer poderosos obstáculos aos seus ideais”.²⁰

Em Mário Filho, esse sentido formativo da narrativa foi chamado por Gilson Pinto Gil de “nível macro” do texto. Gil, um dos mais importantes estudiosos de Mário Filho, embora menos citado do que deveria pela crítica, considera que a obra do grande jornalista possuiria uma estrutura interpretativa dos fenômenos de dois eixos: o nível “macro” e o “micro”. Escreve que, no nível macro, Mário Filho “procura visualizar o todo, conceber as grandes forças civilizacionais do Brasil”, e que seria possível perceber “grandes linhas ordenadoras de nossa evolução histórica”.²¹ Na esfera micro, apresentaria uma “História com H maiúsculo de nomes, acontecimentos, dilemas, casos, ironias, paixões e expectativas, isto é, histórias com h minúsculo”.²²

Gilson Gil, ao articular essas camadas, diz:

Não se deve conceber as historietas de forma muito fragmentaria. Mário Filho não relataria estes casos singulares de maneira desconexa e inconstante. Haveria uma intenção e um ideal que ordenariam e selecionariam estes relatos, tornando-os mais estruturados e interessados do que poderiam parecer à primeira vista. Este nível micro pode ser mais “humilde, baixo e disperso”, porém isto não quer dizer que não tenha um padrão e que os casos que aparecem não possuam certa ordem.²³

Dessa forma, na concatenação dos casos aparentemente individuais e isolados, estaria a trajetória nacional. Como apontado anteriormente, essa operação assemelha-se a de Freyre, uma vez que, para o sociólogo, nas palavras de Morais e Ratton Jr.:

A personalidade tem um componente coletivo, ou seja, o agente social expressa, além de suas características irredutivelmente individuais, a cultura, os costumes, os valores e a história da sociedade em que viveu. Nesse sentido, o autor afirma, por exemplo, que seus “apontamentos autobiográficos [são] menos referentes a Félix, indivíduo isolado..., [e mais] ao Cavalcanti, chefe de família patriarcal” (1959b, p. CVI, cf. também, 1968a, pp. 51ss.). [...] A análise dos processos históricos de mudança social, segundo Freyre, passa

¹⁹ RODRIGUES. O conceito de formação na historiografia brasileira, p. 258.

²⁰ RODRIGUES. O conceito de formação na historiografia brasileira, p. 259.

²¹ GIL. Humildes, mascarados e gênios: ética, história e identidade nacional na obra de Mário Filho, p. 19-20.

²² GIL. Humildes, mascarados e gênios, p. 20.

²³ GIL. Humildes, mascarados e gênios, p. 130.

necessariamente pela ação dos agentes sociais, e esta ação só pode ser capturada pelo método que ele denominou de empático.²⁴

Sendo assim, segundo Gil, comporia a dimensão macro da obra a epicidade na construção da história do futebol que de branco, aristocrático e inglês transforma-se em popular, miscigenado e brasileiro. Essa anotação particular para a obra de Mário Filho, estaria em conformidade com a tentativa de generalização feita por Estrada Rodrigues que aponta para a existência de “certa tonalidade épica na história brasileira” como uma das características principais do ensaio de formação, este “sensível não apenas à representação épica de uma nação problemática, mas também à uma investigação sobre as próprias condições de possibilidades de uma experiência própria de mundo, de um futuro promissor”.²⁵

Agora, tentaremos compreender como esse sentido, que Gil chamou de nível macro, é urdido a partir de estratégias narrativas. Ainda sobre a articulação entre os dois níveis da narrativa, macro e micro, o intérprete escreve: “Mário Filho não recai nesta fragmentação contemporânea de grande parte do pensamento historiográfico. Ele se dispõe a recuperar a ideia de sentido, e, mais ainda, se propõe a ver como este sentido aponta para um progresso na experiência civilizacional dos brasileiros”.²⁶

Temática recorrente do pensamento no Brasil, Mário Filho faz a sua contribuição à crítica daquilo que era visto como importação e imitação de elementos de outras tradições sem passar por uma espécie de filtro da nacionalidade. Realizando paralelos sobre interpretações do fenômeno cultural do futebol e ideais modernistas, o historiador Bernardo Buarque de Hollanda nos diz:

O prefácio de Gilberto Freyre ao livro de Mário Filho, *O negro no futebol brasileiro* (1947), nos pareceu um texto emblemático. Isto se dava uma vez que ele conseguia condensar algumas características muito significativas de parte do ideário nacional do modernismo para uma interpretação e para uma compreensão do fenômeno futebolístico no Brasil. Em consonância com a noção de antropofagia desenvolvida por Oswald de Andrade em seu manifesto de 1928, Gilberto Freyre identificava no futebol um exemplo indubitável da capacidade do brasileiro de transplantar, de assimilar e de reinterpretar os inúmeros produtos que historicamente nos vinham importados e impingidos da Europa.²⁷

²⁴ MORAIS; RATTON JR. Gilberto Freyre e o futebol: entre processos sociais gerais e biografias individuais, p. 91.

²⁵ RODRIGUES. O conceito de formação na historiografia brasileira, p. 260.

²⁶ GIL. Humildes, mascarados e gênios, p. 35.

²⁷ HOLLANDA. *O descobrimento do país do futebol: modernismo, regionalismo e paixão esportiva em José Lins do Rego*, p. 181.

Mário Filho, escrevendo contra “o *foot-ball*, importado, *made in England*”,²⁸ escrevia a favor da transformação desses elementos estrangeiros em nacionais. Não os recusava, como o fez Lima Barreto ou Graciliano Ramos, que não acreditavam em síntese possível entre o inglês futebol e a cultura e formação social local. Para eles, o futebol funcionando como uma espécie de instrumento de dominação cultural anglófila, deveria, para Barreto, ser eliminado para o bem da saúde nacional e da população, ou, para Ramos, não passaria de modismo efêmero com seus dias contados. No caso de Mário Filho, essa adaptação do elemento estrangeiro seria a sua própria condição de sobrevivência e estaria intimamente ligada à capacidade de mistura racial no esporte.

A direção deste processo está dada a todo instante. Evidenciando o caminho a ser percorrido pelo futebol no Brasil, Mário Filho escreve: “O *foot-ball* importado, *made in England*, *tinha de ser traduzido*. E, enquanto não se traduzisse, se *abrasileirasse* [grifos nossos], quem gostasse dele precisava familiarizar-se com os nomes ingleses. De jogadores, de tudo. Em campo um jogador que se prezasse tinha de falar em inglês”.²⁹

As próprias escolhas sintáticas na construção das frases oferecem ao leitor a tradução que se realizará inevitavelmente encaminhando o esporte para sua verdadeira potência e sentido históricos – *tinha de ser traduzido*. Soares assim observa este fenômeno: “A construção enfática deste cenário implica que, quase logicamente, deverá existir um outro no final: o cenário do futebol brasileiro e negro. A passagem de um a outro é o objeto central da narrativa”.³⁰

Nesse primeiro momento, o tópico da tradução aparece no plano linguístico. A língua franca nos primórdios do futebol no Brasil, segundo o recorte do autor, era o inglês. O que se ouvia em campo era: “*man on you*”, “*come back forwards*”, “*take your man*”, “*goal-keeper*”, “*full-back-right*”, “*full-back-left*”, etc.³¹ Assim, Mário Filho revisita esse passado analisando jornais com as escalações de duas equipes pioneiras no esporte no Brasil, o Paysandú Cricket Club e Rio Cricket and Athletic Association, “clubes fechados, para ingleses e filhos de ingleses”.³² “As coleções dos jornais estão aí, basta procurar as escalações dos *teams* [...]. Essas escalações deviam ser a tortura dos compositores e dos

²⁸ RODRIGUES FILHO. *O negro no foot-ball brasileiro*, p. 15.

²⁹ RODRIGUES FILHO. *O negro no foot-ball brasileiro*, p. 15.

³⁰ SOARES. Futebol, raça e nacionalidade no Brasil: releitura da história oficial, p. 29-30.

³¹ RODRIGUES FILHO. *O negro no foot-ball brasileiro*, p. 15.

³² RODRIGUES FILHO. *O negro no foot-ball brasileiro*, p. 14.

revisores. Também dos leitores, a maioria sem saber nada de inglês, tendo de soletrar os nomes”.³³ Esses dois clubes exemplificavam desde o início do texto o nó que seria desfeito ao longo do livro. Os clubes representavam a importação cultural sem adaptação – “pedaços da Inglaterra transplantados para o Brasil”.³⁴ O efeito prático disso é sentido imediatamente na “tortura dos compositores e revisores”³⁵ para lidar com a miríade de termos em inglês e nomes estrangeiros, já que não sabiam a língua. Em um primeiro momento, a tensão entre o léxico importado e dificuldade local em se relacionar com ele é resolvida pela imitação. Imitação essa que se revelará oca.

“Os brasileiros acharam bonito, quiseram imitar os ingleses”³⁶ no que diz respeito à supressão do prenome nas escalações em prol do aparecimento do sobrenome. Assim, Clyto Portela virou C. Portela, Felix Frias, F. Frias, exatamente como faziam os ingleses. Contudo, rapidamente essa fórmula encontra problemas em sua relação com a vida local. “Eram dois Etchegaray, Victor e Emílio. Quando os dois jogavam estabelecia-se a confusão só desfeita pela maneira brasileira: Aí, Victor! Aí, Emílio!”.³⁷

Diante do problema imposto pela forma importada – dois jogadores em uma mesma partida com o mesmo sobrenome – a resolução surge de maneira espontânea e orgânica – “maneira brasileira”. O desfecho do dilema guarda muita semelhança com aquilo que Gilberto Freyre chama de “expressão do nosso mulatismo”, este que seria “ágil em assimilar, dominar, amollescer em dansa, em curvas ou em músicas técnicas européas ou norte-americanas angulosas para o nosso gosto”.³⁸ Sem teorizar, Mário Filho, mobiliza uma linguagem interpretativa dos fenômenos muito comum à tradição da formação nacional que diz respeito à relação entre o caráter brasileiro e seus modos de tratamento. Além da relação com Freyre e seu “mulatismo”, poderíamos citar Sérgio Buarque de Holanda quando escreve em *Raízes do Brasil* como característica do “desejo de estabelecer intimidade [...] a tendência para a omissão do nome de família no tratamento social. Em regra é o nome individual, de batismo, que prevalece”.³⁹

³³ RODRIGUES FILHO. *O negro no foot-ball brasileiro*, p. 14-5.

³⁴ RODRIGUES FILHO. *O negro no foot-ball brasileiro*, p. 14.

³⁵ RODRIGUES FILHO. *O negro no foot-ball brasileiro*, p. 14.

³⁶ RODRIGUES FILHO. *O negro no foot-ball brasileiro*, p. 15.

³⁷ RODRIGUES FILHO. *O negro no foot-ball brasileiro*, p. 15.

³⁸ FREYRE. *Foot-ball mulato*, p. 4.

³⁹ HOLANDA. *Raízes do Brasil*, p. 256.

No acontecimento citado em *O negro no foot-ball brasileiro*, a adaptação é feita desobedecendo inconscientemente as regras impostas pelo costume inglês e a tradução do futebol começa a acontecer de maneira não planejada, a partir disso que Holanda denominou “ética de fundo emotivo”.⁴⁰ Mesmo que Mário Filho não cite Holanda, essa parece ser uma ideia que circulava com muita intensidade na rede intelectual de Mário Filho. O próprio Gilberto Freyre faz menção ao fenômeno ocorrido na história brasileira em que os nomes foram “amaciados”.⁴¹

A dinâmica daquilo que Mário Filho generaliza sob o manto de “maneira brasileira” produz os meios para que elementos estrangeiros sejam “abrasileirados”, bastando que se insiram minimamente na lógica local para que se dê sua transformação. Nesse ponto, o paralelo entre o futebol e o *cricket* é fundamental para entendermos os destinos de cada um na cultura nacional.

O autor escreve que “no *cricket*, sim, os ingleses não quiseram saber de mistura. Brasileiro para entrar no *team* de *cricket*, nem branco”⁴² e como consequência não adquiriu importância no Brasil, mantendo-se como prática restrita. Percebemos, no futebol, que a mistura, a miscibilidade, tem valor positivo e constitui-se como princípio necessário para o abrasileiramento. No *cricket*, lugar onde ela não existiu, houve atrofia.

Entretanto, caso a restrição à entrada de brasileiros não existisse, o esporte também não teria grande adesão voluntária, pois, segundo Mário Filho, “os brasileiros nunca foram muito com o *cricket*. Jogo bom para inglês. Os jogadores se acolchoavam, quase que vestiam armaduras medievais, para empunhar o seu *but*”.⁴³ Sendo assim, se entendermos o significado de tradução não apenas no plano linguístico, mas também no cultural, existiriam condições particulares ao *cricket* que impediriam a sua tradução para a cultura local. Ou seja, independentemente das restrições internas perpetradas pelos coordenadores desse esporte, vetando a entrada de brasileiros e evitando a mistura, a experiência histórica brasileira com inexistência de um passado medieval como no Velho Mundo, e não sua predisposição biológica, recusaria o jogo em seu sistema cultural. Um esporte com jogadores “acolchoados” quase que com “armaduras medievais”, e isso

⁴⁰ HOLANDA. *Raízes do Brasil*, p. 257.

⁴¹ FREYRE. *Casa-Grande & Senzala*, p. 340.

⁴² RODRIGUES FILHO. *O negro no foot-ball brasileiro*, p. 16.

⁴³ RODRIGUES FILHO. *O negro no foot-ball brasileiro*, p. 16.

funcionando quase como uma metáfora para a importação de ideias, não poderia ser objeto dessa tradução e ajustado à cultura local; seria uma espécie de falsificação.

O processo de tradução do futebol para a cultura local, no ritmo da história contada por Mário Filho, acontece menos como um projeto e mais como uma manifestação autêntica da personalidade nacional, que se revela nos pequenos gestos do cotidiano, que ganham significação macrossocial. Mesmo no seio da elite há esse impulso que recusa certas formalidades enraizadas em práticas culturais estrangeiras e um poder em traduzir o que vem de fora em uma língua brasileira. Os dois próximos exemplos citados evidenciam o que foi dito.

Ao descrever uma viagem de uma equipe do Rio de Janeiro a São Paulo, Mário Filho apresenta os custos elevados envolvidos na excursão, a hospitalidade dos anfitriões que pagam as despesas dos visitantes e o ambiente refinado do encontro. Além disso, narra o costume da época em, após as partidas, festas serem oferecidas para selar a sociabilidade de elite e a atmosfera de cordialidade entre os rivais.

Acontece que o futebol inspirava paixões: após o jogo, em caso de um time sair vencedor, a outra parte saía, necessariamente, derrotada. A formalidade da festa agia como um pacto social entre pares da elite que pretendia recalcar as paixões envolvidas na performance esportiva: “A ideia partia dos vencedores, os vencidos ainda tontos, sem cabeça para pensar em nada, muito menos em comemoração. Comemoração da derrota? Era feio recusar, os vencidos tinham de se mostrar à altura dos vencedores”.⁴⁴ Este império da formalidade exigia que os derrotados, “sem amarrar a cara, nada de mostrar tristeza, a dôr da derrota, e sem regatear o dinheiro”,⁴⁵ reprimindo a “ética de fundo emotivo”, na linguagem buarqueana, ou seu “mulatismo”, na gramática freyreana, participassem do evento. Assim, Mário Filho sugere que a participação dos atletas acontecia por mera convenção social, já que era a moldura inglesa de sociabilidade que impedia a manifestação dos reais sentimentos envolvidos naquela relação de disputa. Esse evento, citado no início do livro e trazido em outras ocasiões sofre alterações quando a tensão entre forma e conteúdo se torna insuportável. Essa prática chega ao fim subvertida pela possibilidade de vazão das paixões estimuladas pelo futebol.

⁴⁴ RODRIGUES FILHO. *O negro no foot-ball brasileiro*, p. 21.

⁴⁵ RODRIGUES FILHO. *O negro no foot-ball brasileiro*, p. 22.

Há, portanto, um sentido contido na própria maneira de apresentar os eventos em seu processo de abrasileiramento: da contenção em moldura estrangeira à liberação sentimental própria ao caráter brasileiro. É como se em um rio congelado, a água que corre silenciosa por debaixo da fina camada de gelo buscasse, metro após metro, um lugar para emergir.

Possível observar como essa característica orgânica e não planejada de transformação do futebol em elemento nacional é levantada, também, quando Mário Filho descreve uma noitada de jogadores do Botafogo e do Fluminense. Neste dia, um tradicional cântico inglês sofreu uma tradução livre e jocosa por parte dos jogadores dos clubes de elite do Rio de Janeiro. O autor relata que: “*And more we drink together* ficou sendo ‘onde mora o Pinto Guedes’. E *for he is a jolly good-fellow* passou ‘a baliza é bola de ferro’”.⁴⁶

E, assim, diante desse processo de abrasileiramento do esporte inglês, pergunta-se:

Como acabaria aquilo? Bastava olhar para o Bangu. Os ingleses ficando de fora, pouco a pouco. Mais operários no *team*, menos mestres. Preto barrando branco. Não seria o destino do *foot-ball*? O *foot-ball* se tornando brasileiro demais. Não brasileiro como o remo. O remo era brasileiro a seu jeito. Brasileiro, mas branco.⁴⁷

Ao perguntar ao leitor “como acabaria aquilo?”, Mário Filho sabe a resposta: “era inútil lutar contra o *foot-ball*, que tomara conta de tudo”;⁴⁸ “havia uma coisa, porém, em que ninguém tinha pensado: a importância cada vez maior do *foot-ball*”,⁴⁹ ou ainda, “o *foot-ball* estava ficando importante demais”.⁵⁰

Essas marcações do autor em sua narrativa são formas de conduzir o leitor à mesma conclusão daquele que escreve sobre os processos de transformação ocorridos na experiência passada. Elas ensinam àquele que lê o sentido enrustido no acontecimento, configurando-se, desta feita, uma espécie de teleologia. São os olhos de Mário Filho que veem a impotência da batalha contra o futebol, uma vez que os atores implicados naquele presente-passado não poderiam conhecer os resultados de suas ações. O elemento de imponderabilidade da experiência no presente é suprimido como estratégia narrativa para

⁴⁶ RODRIGUES FILHO. *O negro no foot-ball brasileiro*, p. 22.

⁴⁷ RODRIGUES FILHO. *O negro no foot-ball brasileiro*, p. 44.

⁴⁸ RODRIGUES FILHO. *O negro no foot-ball brasileiro*, p. 55.

⁴⁹ RODRIGUES FILHO. *O negro no foot-ball brasileiro*, p. 131.

⁵⁰ RODRIGUES FILHO. *O negro no foot-ball brasileiro*, p. 131.

alertar que não haveria outro caminho possível a ser percorrido nesse processo histórico.

Sobre isso, Pinto Gil escreve:

Mesmo as historietas tinham que portar algum ensinamento, o que faziam ao operar pedagogicamente, ou seja, como lições para que as gerações partilhassem de uma sabedoria comum normativa. Como Nelson Rodrigues dizia: “Mário Filho tinha a nostalgia do gigantesco”, daí sua insistência em ultrapassar o que fosse descontínuo, irregular e inconstante. Sua ênfase estaria sempre no monumental, gigantesco e empreendedor.⁵¹

O futebol avançava como uma força própria, irresistível, congruente com o caráter nacional valorizado por Mário Filho. Novamente, pela própria estratégia de construção frasal, o destino final do futebol brasileiro prenunciava-se no time do Bangu: brasileiro, popular e não exclusivamente branco.

Fenômeno similar deu-se no Flamengo, respeitando o mesmo padrão narrativo de Mário Filho, em que o sentido final do texto se manifesta pouco a pouco em seu desenvolvimento. Apesar de seu início excludente, o clube faz a transformação tal qual o Bangu: “Virou clube do povo quando acabou com a história de só branco no *team*. Abrindo as portas da Gávea para os pretos. O povo sentiu-se flamengo. Gente de todas as classes ia para o campo para uma batalha de conféti, como para uma festa de São João”.⁵²

Para Mário Filho, “a razão da popularidade do *foot-ball*” era “a vocação de todo mundo para ele”.⁵³ E esta vocação, o vetor capaz de traduzi-lo em esporte nacional, atravessador de classes e raças e subversivo de formas fixas. O autor sentencia que “o *foot-ball* já não podia ser chamado de inglês” e que “*foot-ball* soava como uma palavra brasileira [...] não precisava de tradução”.⁵⁴ Tudo isso ligando-se à inversão realizada pelo esporte no que diz respeito à importação e imitação da produção estrangeira: “os outros ingleses, os que jogavam *foot-ball*, trataram de se tornar brasileiros, fazendo letras, dando Charles”,⁵⁵ ou seja, praticando “um *foot-ball* mais vistoso, mais bonito, mais brasileiro”,⁵⁶ que extrapolava as formas estabelecidas, criava novas palavras com o mesmo alfabeto, alargava a linguagem do jogo. Sob essa ótica, o esporte mantinha o significante “*foot-ball*” e ampliava os seus sentidos – a tradução arrebatava o original.

⁵¹ GIL. *Humildes, mascarados e gênios*, p. 245.

⁵² RODRIGUES FILHO. *O negro no foot-ball brasileiro*, p. 268-9.

⁵³ RODRIGUES FILHO. *O negro no foot-ball brasileiro*, p. 44.

⁵⁴ RODRIGUES FILHO. *O negro no foot-ball brasileiro*, p. 64.

⁵⁵ RODRIGUES FILHO. *O negro no foot-ball brasileiro*, p. 64.

⁵⁶ RODRIGUES FILHO. *O negro no foot-ball brasileiro*, p. 64.

Ainda sobre a tradução do futebol, interessante notar que ela é feita com o auxílio da cultura que traduz, ou seja, não é apenas uma tradução objetiva, mas uma atividade que mobiliza elementos nativos para a construção de significado na cultura de chegada. No esquema da tradução do futebol, o “como para uma festa de São João”, na citação feita acima, funciona como um recurso conhecido pela população local para assimilar o novo elemento que aparece no horizonte. Da mesma maneira, funcionará o carnaval e o samba.

Desse modo, Mário Filho, já encaminhando a conclusão de *O negro no foot-ball brasileiro*, irá amarrar o movimento de adaptação e tradução cultural galvanizado pelo sentido histórico do futebol para a nação brasileira a partir de dois jogadores: Leônidas da Silva e Domingos da Guia:

Talvez porque o que Leônidas fazia fosse mais brasileiro, estivesse na massa do sangue dos nossos brancos, mulatos e pretos. Como o samba. Toca-se um samba, seja onde for, só se vê gente gingando o corpo. Domingos gingava o corpo, mas não com aquele desembaraço de Leônidas, que se desmanchava todo. Dançando samba. Jogando *foot-ball*. A sobriedade de Domingos chocava como uma coisa vinda de fora. Da Inglaterra.⁵⁷

Após a trajetória realizada e ídolos formados, para Mário Filho, Leônidas seria mais brasileiro, pois representativo desse repertório nacional presente na história da tradução do futebol para a língua local – continha a potência da miscigenação, gingava transgredindo a forma fixa e tinha correspondência popular com o samba. Domingos, apesar de falar bem a nova língua, ainda tinha o sotaque, o acento inglês – a sobriedade e a ginga limitada pela forma. Como observado por Moraes e Ratton Jr., Gilberto Freyre, no prefácio, viu nesses dois jogadores – Leônidas e Domingos da Guia – atores individuais, sujeitos irredutíveis, que apesar disto representariam sinteticamente um, o modelo dionisíaco, e o outro, o apolíneo, do futebol brasileiro, respectivamente.⁵⁸

É por conta desta operação que Freyre escreve no prefácio de *O negro no foot-ball brasileiro*: “a dança dansada baianamente por *um* Leônidas; e por *um* Domingos [grifos nossos]”,⁵⁹ e não “por Leônidas” ou “por Domingos”. Novamente, são Moraes e Ratton Jr. que apontam para essa construção de uma metonímia no modo com que Freyre entende a

⁵⁷ RODRIGUES FILHO. *O negro no foot-ball brasileiro*, p. 278.

⁵⁸ MORAIS; RATTON JR. Gilberto Freyre e o futebol, p. 103.

⁵⁹ FREYRE. *O negro no foot-ball do Brasil* (Prefácio), p. VI.

relação entre processos particulares e sociais. Para um caso análogo ao que acabamos de descrever, escrevem: “é por isso que Freyre utiliza a expressão ‘os Leônidas’”.⁶⁰

Sendo assim, percebe-se que o sentido histórico do texto contém a ideia de tradução cultural, em que elementos nativos, como a miscibilidade ou a aversão à forma fixa são fundamentais para o triunfo do futebol, e que podem ser metonimizadas em atores individuais. Essa tradução deu-se de modo não sistematizado, não planejado e acontecia em eventos mínimos do cotidiano dos personagens envolvidos na trama de *O negro no foot-ball brasileiro*. Além disso, Mário Filho constrói estratégias argumentativas para que o sentido final do texto seja dado aos poucos, na tessitura da narrativa. O futebol traduzido seria a expressão daquilo que Marcelino Rodrigues chamou de “o Brasil moderno de Mário Filho”⁶¹ e conseqüentemente congruente com a sua atuação jornalística no projeto de alterar os significados do jogo. O futebol serviria, desse modo, como um lugar privilegiado para se pensar os futuros possíveis para a comunidade nacional.

* * *

REFERÊNCIAS

- ANDERSON, Benedict. **Comunidades imaginadas**: reflexões sobre a origem e a difusão do nacionalismo. Denise Bottmann. São Paulo: Cia das Letras, 2008.
- CATROGA, Fernando. **Memória, história e historiografia**. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2015.
- FRANZINI, Fábio. **Raízes do país do futebol**: estudo sobre a relação entre o futebol e a nacionalidade brasileira (1919-1950). Dissertação (Mestrado em História). USP, São Paulo, 2000.
- FREYRE, Gilberto. **Casa-Grande & Senzala**. Madri; Barcelona; La Habana; Lisboa; Paris; México; Buenos Aires; São Paulo; Lima; Guatemala; San José: ALLCA XX, 2002.
- FREYRE, Gilberto. Foot-ball mulato. **Diário de Pernambuco**, 17.06.1938, Recife, n. 143, p. 4.
- FREYRE, Gilberto. O negro no foot-ball do Brasil. In: RODRIGUES FILHO, Mário. **O negro no foot-ball brasileiro**. Rio de Janeiro: Irmãos Pongetti Editores, 1947.

⁶⁰ MORAIS; RATTON JR. Gilberto Freyre e o futebol, p. 103.

⁶¹ Ver: SILVA. *Mil e uma noites de futebol*: o Brasil moderno de Mário Filho.

GIL, Gilson Pinto. **Humildes, mascarados e gênios**: ética, história e identidade nacional na obra de Mário Filho. Tese (Doutorado em História), IUPERJ, Rio de Janeiro, 1997.

HOLANDA, Sérgio Buarque de. **Raízes do Brasil**. São Paulo, Cia das Letras, 2016.

HOLLANDA, Bernardo Borges Buarque de. **O descobrimento do país do futebol**: modernismo, regionalismo e paixão esportiva em José Lins do Rego. Tese (Doutorado em História). PUC-Rio, Rio de Janeiro, 2003.

MORAIS, Jorge Ventura de; RATTON JR, José Luiz. Gilberto Freyre e o futebol: entre processos sociais gerais e biografias individuais. **Revista de Ciências Sociais**, Fortaleza, v. 42, n.1, 2011.

NICOLAZZI, Fernando. **Um estilo de história**: a viagem, a memória, o ensaio: sobre *Casa-Grande & Senzala* e a representação do passado. São Paulo: Editora Unesp, 2011.

PEREIRA, Leonardo A. M. **Footballmania**: uma história social do futebol no Rio de Janeiro (1902-1938). Tese (Doutorado em História), Unicamp, Campinas, 1998.

RODRIGUES FILHO, Mário. **O negro no foot-ball brasileiro**. Rio de Janeiro: Irmãos Pongetti Editores, 1947.

RODRIGUES FILHO, Mário. **O negro no futebol brasileiro**. Rio de Janeiro: Mauad, 2010.

RODRIGUES, Henrique Estrada. O conceito de formação na historiografia brasileira. In: MEDEIROS, Bruno Franco e outros (org.). **Teoria e Historiografia**: debates contemporâneos. Jundiaí: Paco Editorial, 2015.

SILVA, Marcelino Rodrigues da. **Mil e uma noites de futebol**: o Brasil moderno de Mário Filho. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2006.

SILVA, Marcelino Rodrigues da. **Quem desloca tem preferência**: ensaios sobre futebol, jornalismo e literatura. Belo Horizonte: Relicário, 2014.

SOARES, Antônio Jorge. **Futebol, raça e nacionalidade no Brasil**: releitura da história oficial. Tese (Doutorado em História), Universidade Gama Filho, Rio de Janeiro, 1998.

SOARES, Antônio Jorge. História e a invenção de tradições no futebol brasileiro. In: HELAL, Ronaldo; LOVISOLO, Hugo; SOARES, Antônio Jorge. **A invenção do país do futebol**: mídia, raça e idolatria. Rio de Janeiro: Mauad, 2001.

* * *

Recebido em: 09 de junho de 2022.
Aprovado em: 21 de outubro de 2022.